

# TESTEMUNHO

## Maria João Pires

### **O QUE SIGNIFICOU PARA SI SER ACTRIZ DE MANOEL de Oliveira?**

Manoel de Oliveira faz parte daquelas pessoas capazes de submeter a realidade e a matéria às suas intenções poéticas, não através da força, mas sim pelo poder da sua convicção. É uma grande lição de sinceridade estética, que é tão bela quanto útil. Tive um prazer imenso em viver esta experiência.

### **Qual é a sua relação pessoal com Manoel de Oliveira?**

Nem sempre temos a oportunidade de nos encontrarmos, mas eu nutro por ele uma grande admiração. Enquanto artista, Manoel de Oliveira possui um universo de uma originalidade comvente, em que o sentimento trágico da existência transparece com tanta força quanto modéstia. Ele nunca se torna didáctico, mas os seus filmes têm todos uma estranheza inimitável, como que uma malícia filosófica, que me toca profundamente. Enquanto homem, ele é de uma gentileza extrema. A sua vivacidade de espírito, que me parece verdadeiramente inalterável, é impressionante, mas mais do que isso: encontrei nele uma subtileza emocional fora do comum, assim como uma grande capacidade de ouvir.

### **Considera o Manoel de Oliveira um realizador musical?**

Sem dúvida. Numa época em que grande parte da produção cinematográfica está inscrita numa espécie de «cultura do ritmo», que assenta exclusivamente na rapidez da montagem, Manoel de Oliveira leva o tempo de ser sensível a uma dimensão muito mais profundamente musical: a respiração. Ainda que seja frenético ou complexo, o ritmo não significa nada se a sua necessidade orgânica não for sentida, o que, qualquer que seja a natureza da obra de arte, se torna numa necessidade poética. Os filmes de Manoel de Oliveira respiram. Possuem uma des-



«A Divina Comédia» / «La Divine Comédie» (1991).  
 Coleção Cinemateca Portuguesa / Museu do  
 Cinema.

treza formal, uma lentidão, uma ciência da alusão e da eclipse que nos fazem tomar consciência do tempo bem para além de qualquer sentimento de «recorte», o que é muito difícil de fazer, e é exactamente o que é preciso tentar obter numa interpretação musical. Ao ver «A Carta», percebemos que o filme não é uma adaptação da *Princesa de Clèves*, mas sim uma variação, pois o romance de Madame Lafayette serve de suporte para a imaginação narrativa; e, se nos dedicarmos a uma leitura posterior, constatamos que o texto já não é exactamente idêntico. O mesmo acontece quando, ao piano, retomamos um tema após o ter encaminhado na viagem das variações: ouvimo-lo de outra forma e compreendemos que ele se transformou, que ele viveu. Quando toquei para Manoel de Oliveira, vivenciei um sentimento de grande à-vontade e de justeza, porque ele pensa musicalmente.



«O Dia do Desespero» / «Le Jour du Désespoir»  
 (1992). Coleção Cinemateca Portuguesa / Museu  
 do Cinema.



«Vale Abraão» / «Le Val Abraham» (1993). Coleção  
 Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.